



ReHospitalidade: H 08

Fotografias de Paulo Catrica e
entrevistas a criadores
internacionais de hotelaria

arte nacional de fotografia
entrevistas e estudos
fotografias de Paulo Catrica e
H 08



Paulo Catrica (Lisboa, 1965) serve-se da fotografia como o mecanismo que melhor lhe permite analisar a paisagem urbana e semi-urbana. Este artista é um dos mais atentos observadores das transformações a que o território português foi sujeito nas últimas três décadas; anos em que, de uma paisagem maioritariamente rural, passámos para aquilo que o autor designa como “paisagem insípida” – um território esfiapado, que veio abalar os nossos velhos códigos de leitura sobre as diferenças entre o rural e o urbano. Durante anos, fotografou em algumas cidades portuguesas aquilo que em princípio não mereceria ser eternizado: ruas das periferias, aparentemente iguais a quaisquer outras. A aparente banalidade das cenas é de certa forma reforçada pela uniformidade tonal das fotografias, sem grandes contrastes, sem demasiadas sombras, e pela total ausência de dramas humanos. No entanto, são justamente estas qualidades das imagens que nos conduzem a inspeccionar atentamente estas cenas que não costumamos parar para ver. Radicou-se em Inglaterra há já alguns anos e tem-se dedicado com igual empenho a fotografar pequenas cidades dos arredores de Londres, que entende como autênticos laboratórios para uma análise da relação entre uma ideia de paisagem natural e noções de urbanidade. Continua a ser sistemático no seu método: investiga profundamente o local a fotografar, opta por planos frontais, prescinde de iluminações dramáticas, abdica da presença de pessoas, utiliza uma máquina de grande formato, corrigindo deformações ópticas e atenuando a presença da câmara. No fundo, o fotógrafo tenta não desviar a nossa atenção de uma questão essencial, no fundo transversal a todo o seu trabalho: “O que é que constitui um lugar?”

As imagens de Paulo Catrica que compõem *H 08* foram originalmente apresentadas no contexto da exposição *Reacção em cadeia: Transformações na Arquitectura do Hotel*. Correspondem a fotografias de vários hotéis de Londres e partilham várias das características que nos serviram para definir os seus projectos anteriores: as imagens nunca são instantâneas, ou espontâneas – as velocidades de obtenção não são altas; mais do que acontecimentos, apresentam espaços vazios, marcas, fragmentos; como na maioria dos projectos de Catrica, existe em quase todas estas fotografias uma bem notada ausência da presença humana.

Estas fotografias de espaços de hotéis – desde átrios, quartos, corredores, terraços e salas de refeição – mantêm uma relação com a história e com a memória muito particular, já que abdicam do instante a favor do formalismo, da sobriedade, da perspectiva clara, do detalhe. São fotografias frias e estáticas. Mas o mais fascinante nestas imagens é a relação que estabelecem com o design, a forma como denunciam uma ideia de design total – em que a embalagem, a imagem de um produto é tão ou mais importante do que o produto em si mesmo.

Acostumámo-nos a ver fotografias de hotéis em revistas especializadas em design, que nos revelam como eleger e concretizar um determinado estilo de vida. À partida, estas imagens não se afastam demasiado das fotografias que aparecem nessas revistas; desde logo porque, de alguma forma, também se apresentam como pura superficialidade – não é por acaso que abundam as superfícies espelhadas, brilhantes, lacadas. Mas este projecto de Paulo Catrica não nos deixa propriamente a sonhar com check-ins e estadias. É que as fotografias que compõem *H 08* conseguem falar dessa incapacidade contemporânea para viver verdadeiras experiências, a indisponibilidade para contactos sociais que não se limitem à promiscuidade muda patrocinada pelos transportes públicos – incapacidade e indisponibilidade promovidas ou, pelo menos, traduzidas na arquitectura e no design dos espaços que vão sendo construídos; e repare-se, por exemplo, que é impossível não comparar a única fotografia em que vemos nitidamente um homem às telas de Edward Hopper.

Quer-se fazer crer que o design pode atribuir singularidade ao nosso carácter – a noção de estilo de vida assenta em grande medida nesta convicção – mas, como afirmou Hal Foster em *Design and Crime*, se o design sempre assentou no desejo, hoje, estranhamente, estaremos perante um novo tipo de narcisismo, em que o objecto é substituído pela imagem, pela pura exterioridade – “uma apoteose do objecto que também é o seu potencial desaparecimento”.

Ricardo Nicolau